


# A princesa era um prendedor? A experiência de artistagem de educadores da Educação Infantil na contação de histórias a partir do Teatro de Objetos

Diewerson do Nascimento Raymundo[1]

**Resumo**: o seguinte texto apresenta considerações sobre a utilização do Teatro de Objetos como inovação nas práticas de contação de histórias realizadas por um grupo de educadores/pedagogos que atende a Educação Infantil em diferentes regiões do Rio Grande do Sul. No intuito de experimentar diferentes formas de contar e inventar enredos, crianças e adultos ao agregarem em suas práticas a manipulação de objetos ampliam seu potencial criativo e acabam participando de um processo educativo que se opõe ao consumo desenfreado que a mídia contemporânea divulga. O brincar fica evidenciado durante a manipulação de objetos que passam a ter representações distintas da função que exercem cotidianamente, as relações estabelecidas entre o objeto e o brincante não se esgotam, ao contrário do que ocorre quando uma criança manipula uma boneca que já vem de fábrica com suas funcionalidades e ações bem definidas. Sendo assim, os educadores, principalmente os que trabalham com a Educação Infantil, acabam assumindo diferentes papéis em seu cotidiano, atuando como inventores, criadores, mediadores e também artistas. Sim, tal disponibilidade dos adultos de artistar torna-se fundamental para que a magia proveniente do faz de conta da infância se torne uma experiência marcante e positiva para as crianças.

**Palavras-chave**: Arte educação; professor artista; teatro de objetos.

## Introdução

O início desse relato ocorre a partir das observações de educadores/pedagogos da Educação Infantil de diferentes regiões do RS durante os momentos de contações de histórias. Por se tratar de crianças de 3 a 6 anos em processo de escrita social, a utilização do livro e a leitura de suas imagens durante a história tornou-se uma ferramenta recorrente usada pelos docentes. Porém, percebeu-se que ao longo do tempo acabava necessitando de ações complementares que tornassem mais lúdico esse ato de contar. Normalmente as equipes pedagógicas têm o hábito de se caracterizar de personagens e dramatizar as histórias. Fantoches, bonecos e dedoches também ocuparam um bom espaço de interação entre adultos contadores e crianças espectadoras. No entanto, percebemos que também essas técnicas com o passar do tempo acabavam

[1] Graduado em Teatro: Licenciatura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2014). Atualmente trabalha realizando capacitações e assessoramento no campo da Arte/Educação para profissionais da Pedagogia que atuam em Escolas de Educação Infantil com crianças de 3 a 6 anos.

mecanizando as apresentações no sentido de que a criança já esperava encontrar alguém caracterizado de personagem e contar a história, e, inclusive, sabia a entonação com que a mesma seria narrada. A partir dessa perspectiva surge a pergunta: qual(is) outra(s) forma(s) poderia(m) ser utilizada(s) pelos educadores/pedagogos para tornar esses momentos ainda mais mágicos e lúdicos? Chegou-se então no conceito de Teatro de Objetos como uma alternativa que instigasse a imaginação através de uma ação criativa que não se esgotaria tão rapidamente.

**O teatro de objetos e seu poder de representação**

O campo de representatividade do Teatro de Objetos ou também conhecido por Teatro de Animação, de acordo com Amaral (1996, p.18) possui relação direta com "[...] formas, imagens, metáforas e símbolos". Dentro do Teatro de Animação encontramos os Bonecos, as Máscaras e os Objetos, gêneros de trabalho teatral que possuem características individuais, que podem ser mescladas e resultar num Teatro de Formas Animadas (AMARAL, 1996).

Nessa perspectiva da manipulação com objetos, os contadores ficam lado a lado dos materiais manipulados e, portanto, coatuam durante a contação haja visto que o foco do espectador se divide entre o objeto e o manipulador, ao contrário do Teatro de Fantoches em que normalmente o manipulador fica escondido durante a contação. Ao trabalhar com objetos do cotidiano de largo ou curto alcance crianças e adultos podem exercitar um desprendimento da lógica e racionalidade tão espraiadas no cotidiano e vivenciar pela improvisação a infinidade de possibilidades que surgem para contar histórias. Ainda é possível enfatizar a relação da criança com o brincar ao destacar que durante a prática com Teatro de Objetos ela participa de um processo educativo sobre consumismo. Subintende-se que não é necessário comprar uma boneca para brincar de casinha, qualquer objeto torna-se capaz de assumir esse papel, inclusive um prendedor de roupas pode transformar-se numa princesa. Nesse processo criativo o docente é agente fundamental, pois acaba assumindo um papel de artista que estimula, surpreende e incentiva que as crianças

também vivenciem esse ato imaginário, portanto, ao apreciar o adulto brincando de contar histórias com diferentes objetos a criança também se autorizará a ousar e inventar seus próprios enredos, brincando inclusive com a experimentação de diferentes vozes e entonações para personificar sua história.

**Afinal então o educador também é um artista?**

> O 'encanto' não é o mesmo encanto que observamos na vida cotidiana, que está mais para um tipo de bem-social. Tampouco quer dizer beleza física. Refere-se especificamente a uma qualidade particular do artista no palco. (OIDA, 2001, p.159).

A figura do educador pode ser comparada a de um artista, que em cena utiliza-se de inúmeros recursos para expressar sua arte, seja pela gesticulação, pela oralidade ou por outra habilidade que possa utilizada na tentativa de dar cumprimento ao objetivo de divulgar seu trabalho. Nos espaços educacionais os educadores/pedagogos enfrentam diariamente diversos desafios na aprendizagem. Para burlar essas lacunas e buscar uma maior proximidade com a criança é cada vez mais comum percebermos a Arte como parceira interdisciplinar.

Selbach (2010) nos coloca que o educador em sua prática com Arte assume quatro diferentes papéis: a) um chefe de escoteiro que ajuda seus discentes sugerindo caminhos e propondo desafios; b) um diretor de cinema que cria cena e situações, ensina a criança a ler cenários e interpretar emoções; c) um pesquisador apaixonado e inventor criativo, que torna o ambiente da sala de aula junto dos discentes um lugar de reelaboração e criação artística; e por fim, d) um especialista em ensinar a ver e escutar, colocando que o ver é muito maior que olhar e escutar acaba sendo bem mais do que ouvir. Ao pensar esses papéis adaptados à Educação Infantil percebe-se a responsabilidade dos educadores/pedagogos ao apresentar caminhos, inventar situações, sensibilizar crianças para a percepção do mundo através de um olhar mais sensível ao som, ao toque, às cores e texturas. À primeira instância pode parecer algo de grande dificuldade pelo fato de a Arte ser uma linguagem muito abrangente e principalmente que não possui respostas

prontas e concluídas, mas que busca o conhecimento por outros canais que fogem da lógica. Todavia, quando o educador se coloca no lugar dessa criança e se propõe a também ser pesquisador as experiências geradas acabam tendo uma significação diferenciada, pois as coisas são descobertas em conjunto. E assumir que o adulto nem sempre tem o comando e domina todos os assuntos pode ser libertador para o docente. Nesse sentido, as experiências compartilhadas e construídas entre adultos e crianças tornam-se um caminho de aproximação. O professor/artista em sua prática é ousado, criativo, reconhece que não sabe de tudo e destaca o conhecimento da criança. Logo, através de um olhar sócio-interacionista[2] os diferentes saberes são somados e resultam numa experiência comum com diferentes pontos de vista. E, quando se está imerso nesse estado o adulto assim como a criança, torna-se capaz de olhar para o prendedor e vislumbrar princesas, jardineiros, sapos, bruxas e uma infinidade de outros seres e, como um artista, se sente livre para criar.

## Referências

AMARAL, Ana Maria. *Teatro de Formas Animadas:* Máscaras, Bonecos, Objetos. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. v.2. (Coleção Texto & Arte).

OIDA, Yoshi. *O ator invisível.* São Paulo: Beca, 2001.

SELBACH, Simone; ANTUNES, Celso (Coord.). *Arte e didática.* Rio de Janeiro: Vozes, 2010. (Coleção Como bem ensinar).

[2] Na perspectiva do sócio-interacionismo levantada por Lev Vygotsky o indivíduo aprende pela sua interação com outros pares, por sua inserção na sociedade, pelo contexto social em que se encontra.